

SU TONG

A mulher que chora

Tradução

Fernanda Abreu



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2006 by Su Tong
Publicado em acordo com Canongate Books Ltda., Edimburgo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Binu and The Great Wall

Capa
Retina_78

Imagem de capa

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Isabel Jorge Cury
Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Su Tong
A mulher que chora / Su Tong ; tradução Fernanda
Abreu. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Binu and The Great Wall.
ISBN 978-85-359-1596-9

1. Romance chinês I. Título.

10-00202

CDD-895.152

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura chinesa 895.152

[2010]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prefácio,	7
Pranto,	11
Sapo,	27
Aldeia do Pêssego,	37
Ravina da Grama Azul,	46
O mercado de gente,	60
Terraço das Cem Nascentes,	76
Meninos-cervo,	89
A ponte levadiça,	96
O túmulo do Rei Cervo,	102
Abrir a cova,	109
A curva do rio,	121
Estação da Floresta Perfumada,	138
Caverna de Sete <i>Li</i> ,	148
Cidade dos Cinco Grãos,	161
Poção de lágrimas,	175

Assassino, 182

Portão da cidade, 191

Rei, 198

Binu, 206

O Norte, 216

Loja de Treze *Li*, 225

Montanha da Grande Andorinha, 230

A Grande Muralha, 240

Pranto

Quem vive no sopé da montanha do Norte não pode chorar, nem mesmo hoje em dia. Adultos grisalhos aproveitam a oportunidade para ensinar as gerações futuras; apontando para a montanha do Norte, eles relembram a tragédia ocorrida muito tempo atrás.

“Menino”, dizem, “os antepassados de outras pessoas vivem debaixo da terra, mas os espíritos dos nossos antepassados vagueiam pelas encostas da montanha do Norte. Por que acha que aquelas borboletas brancas vivem sobrevoando a montanha? E os besouros que correm para lá e para cá pelas trilhas que a atravessam? Esses animais são os espíritos dos nossos antepassados que sofreram; é esse o motivo. Estão tentando encontrar seus túmulos na montanha do Norte. Os antepassados das outras pessoas morreram de fome e doença, ou de idade avançada, ou na guerra. Mas os nossos antepassados morreram de injustiça. Adivinhe, menino, quero que você adivinhe. Por que eles morreram? Ah, pode tentar o quanto quiser, nunca vai

encontrar a resposta certa. A causa da morte deles foram seus olhos; eles se afogaram nas próprias lágrimas.”

A vegetação selvagem da montanha era ideal para comer, e sua água de nascente, perfeita para beber — com exceção daquela da piscina que se formava quando a água descia pela encosta da montanha e enchia o túmulo vazio do chefe Xintao —, isso segundo as feiticeiras da aldeia dos Gravetos, que eram a fonte de todo o conhecimento local. Ninguém conseguia mais se lembrar da aparência do chefe Xintao quando ele vivia como eremita na montanha do Norte, mas ninguém se atrevia a beber daquela água, pois seria o mesmo que beber de uma piscina de lágrimas, as lágrimas acumuladas de trezentos velhos espíritos cobertas por uma camada de água doce de chuva.

O funeral do chefe Xintao deixara o rei alarmado; ele proibiu as pessoas de chorar e mandou exércitos de oficiais da corte e soldados da região se posicionarem no meio da encosta da montanha para examinar os passantes enlutados que desciam. Alguns transpunham a barricada sem incidentes, mas outros eram interpelados, sua face e olhos submetidos a um exame detalhado; trezentos aldeões cujas lágrimas ainda não haviam secado foram detidos a meio caminho da encosta da montanha. As lágrimas que haviam derramado no funeral do chefe Xintao estavam prestes a lhes custar a vida.

Altos oficiais e membros da realeza conheciam a nova lei, mas não os aldeões que viviam no sopé da montanha do Norte. A região de Nuvem Azul e as cidades do Norte ficavam bem longe, do outro lado da montanha; era raro que notícias do mundo do lado de fora chegassem até lá. Ao longo de todo o ano, as pessoas conversavam apenas sobre arar os campos e semear colheitas. Muito depois do fato

ocorrido, as pessoas ficaram sabendo que o chefe Xintao fora exilado na montanha do Norte pelo rei, com a ordem real tatuada em dourado nas costas condenando-o à morte em um clima gelado. Mas o chefe Xintao viveu até o Qingming, dia reservado para varrer os túmulos, quando amarrou um pedaço de seda em uma viga de sua choupana e se enforcou. Os moradores do sopé da montanha, pessoas simples que se agarravam com teimosia às próprias crenças, sabiam apenas que o chefe Xintao era tio do rei; seu sangue real por si só tornava-o merecedor da reverência deles, e somado a este havia o respeito por qualquer um que levasse uma vida de recluso. No dia de seu funeral, pessoas desceram correndo a montanha, transtornadas de tristeza pelo falecido e sem saber que suas lágrimas iriam selar seu fim.

Até hoje, os aldeões do sopé da montanha do Norte não se atrevem a derramar uma lágrima por causa da dor da morte.

Os descendentes dos espíritos que choram estavam espalhados pela região da aldeia do Pêssego, da aldeia dos Gravetos e da aldeia do Moinho, onde até mesmo as crianças entendiam a herança que era sua. Nas aldeias do Pêssego e do Moinho, o direito de chorar era sobretudo determinado pela idade. Depois que uma criança aprendia a andar, não tinha mais permissão para chorar. Os habitantes da aldeia dos Gravetos, do outro lado do rio, impunham uma proibição total ao pranto, sem exceção até mesmo para os recém-nascidos; a honra ou a desgraça desses residentes da “margem oposta” estavam diretamente relacionadas aos canais lacrimais de seus filhos e filhas. As mulheres da aldeia, em uma tentativa arrebatada de manter a cabeça erguida na presença de outras pessoas, buscavam ajuda das feiticeiras, e a maioria das mais astutas dominava a magia

para evitar o pranto: elas davam aos filhos uma bebida feita com leite materno e suco de lício e amora; assim que os bebês se saciavam com esse suco vermelho, caíam em um sono longo e tranquilo. Algumas crianças recalcitrantes, que ninguém parecia capaz de fazer parar de chorar, causavam uma preocupação sem fim às mães da aldeia dos Gravetos. Estas tinham um modo secreto de evitar constrangimentos, tão misterioso que era objeto de toda sorte de especulação fantástica. Os moradores das aldeias vizinhas olhavam para o outro lado do rio e perguntavam-se de onde vinham a paz e a tranquilidade da aldeia dos Gravetos, além da diminuição visível de sua população. A principal causa de ambas, concluía, era a ausência de bebês chorando. Aquelas crianças que choravam — como elas podiam simplesmente desaparecer?

O estado de pobreza da montanha do Norte seguia seu curso, assim como as corredeiras do rio do Moinho ali perto. Ninguém sabia para onde corriam aquelas águas, mas cada gota tinha sua nascente, então as pessoas procuravam sob o céu e acima do chão, em busca da origem de seus próprios filhos e filhas. Os céus anunciavam a chegada dos meninos; logo depois do nascimento de seus filhos varões, os pais orgulhosos erguiam os olhos para cima, onde viam o sol, a lua, as estrelas, pássaros voando bem alto e nuvens a boiar; o que quer que vissem, assim seriam seus filhos, e é por isso que alguns meninos no sopé da montanha do Norte eram o sol e as estrelas, outros eram águias, outros a chuva, e os menos importantes de todos eram uma única nuvem. Quando as meninas vinham a este mundo, porém, a tristeza se abatia sobre casebres e choupanas, e, para escapar de uma maldição do sangue, os pais precisavam se afastar trinta e três passos das portas da frente de suas casas.

Rumavam para leste a passo célere, de cabeça baixa, e o que o solo revelava no trigésimo terceiro passo era aquilo em que suas filhas iriam se transformar. Naturalmente, evitavam as pocilgas e os galinheiros, e pais de pernas compridas conseguiam chegar às matas mais afastadas da aldeia; ainda assim, as origens das filhas eram humildes e reais. A maioria pertencia às gramas silvestres, aos melões, às frutas e coisas assim: um cogumelo, um líquen, uma erva seca, um crisântemo selvagem, ou quem sabe um molusco, uma poça ou uma pena de ganso — e essas eram as meninas que gozavam de um destino relativamente decente. O futuro das outras, das que se transformariam em estrume de vaca, minhocas ou besouros, causava uma angústia indescritível nos pais.

Meninos vindos do céu eram por definição expansivos e de temperamento forte, e para eles era mais fácil respeitar a proibição de chorar. Um bom menino sabia conter as próprias lágrimas, traço de caráter que respeitava os princípios do céu e da terra, e mesmo com os meninos que choravam o problema era facilmente resolvido: desde a idade mais tenra, ensinavam-lhes que aquelas lágrimas indesejadas podiam sair de seus corpos pelo pênis; então, sempre que um pai ou mãe via nos olhos dos filhos algum sinal de que as lágrimas eram iminentes, empurrava-os apressadamente pela porta, dizendo: “Vá fazer xixi, rápido, vá fazer xixi!”. Quem violava com mais facilidade a proibição de chorar eram as meninas, mas essa fora uma decisão do destino. A grama que brota do chão é magoada pelo vento; um cálcamo-aromático que flutua à beira d’água fica encharcado quando chove; é por isso que histórias sobre pranto são sempre histórias de meninas.

No sopé da montanha do Norte, as pessoas criavam os

filhos varões de forma diferente, mas com resultados semelhantes; no que dizia respeito a criar meninas, porém, cada aldeia tinha seu próprio *Manual para filhas*. O manual seguido na aldeia do Moinho era bem grosseiro e rude, e um tanto passivo: com ênfase na força física, as meninas cresciam brincando com os meninos, para quem o choro e o xixi estavam intrinsecamente relacionados; as moças não tinham a menor vergonha de levantar a saia e agachar-se ao chão quando sentiam vontade de chorar, e assim que viam uma poça se formar no chão sua tristeza ia embora. Forasteiros maliciosos gostavam de comentar sobre as meninas da aldeia do Moinho que, mesmo já em idade de casar, ainda se agachavam na frente de todos! Podiam estar usando as roupas mais bonitas que tinham, mas a barra de suas saias sempre cheirava mal!

O *Manual para filhas* da aldeia dos Gravetos era cheio de feitiçaria, mistérios e obscuridade. Nas aldeias onde havia uma feiticeira, a fumaça das chaminés subia reta em direção ao céu, noite e dia. As meninas que moravam nessas aldeias nunca choravam nem nunca riam; desciam até o rio para colher peixes mortos e ossos de animais mortos, e cada movimento seu era igual aos de suas mães antes delas, da infância à velhice. Algumas meninas da aldeia dos Gravetos tinham um aspecto murcho, cansado; depois de longos períodos usando ossos bovinos e cascos de tartarugas para prever o futuro dos outros, negligenciavam o próprio, e ao prantear a morte de algum filho ou marido, geralmente passavam uma mistura de excrementos de corvo e cinzas em volta dos olhos, de modo que, por maior que fosse o seu pesar, conseguissem escondê-lo. Fórmulas precisas e mágicas misteriosas minavam sua energia e tornavam seu rosto macilento e amarelado. Quando alguém na beira do rio via

uma menina da aldeia dos Gravetos, sentia uma depressão indescritível. Por que, pensavam, por que essas meninas perderam a juventude? Meninas adolescentes e mulheres mais velhas de cabelos desgrenhados e rosto sujo tinham o mesmo aspecto de fantasmas sem rumo.

Na região, somente o *Manual para filhas* da aldeia do Pêssego era capaz de criar meninas que tinham o mesmo brilho de flores frescas. Alguns diziam que o manual era incompreensível, outros duvidavam de suas qualidades lendárias absurdas, e havia os que questionavam sua existência. As pessoas passaram anos especulando, e o mistério do manual aumentou. Uma parte significativa do *Manual para filhas* da aldeia do Pêssego era dedicada ao tema da abolição completa das lágrimas. As mães da aldeia haviam passado muitos anos lutando contra as lágrimas, um processo longo e doloroso de utilização de fórmulas estranhas e secretas para tornar as lágrimas obsoletas. Examinavam aspectos biológicos, considerando diversos órgãos humanos além dos olhos como possíveis dutos, e abriam novos caminhos para a liberação das lágrimas. Graças à quantidade de fórmulas secretas das mães, todas as meninas tinham um amplo leque de métodos de liberação de lágrimas, todos eles estranhos.

Meninas com orelhas grandes aprendiam a verter lágrimas por elas; o canal secreto dos olhos às orelhas era aberto para o pranto poder passar. Uma orelha grande é um reservatório ideal para lágrimas; até mesmo as orelhas rasas de algumas meninas vertiam lágrimas suficientes para molhar o pescoço, deixando o rosto seco. Meninas de lábios carnudos aprendiam a verter lágrimas por ali. Seus lábios passavam a maior parte do tempo úmidos, rosados como os beirais de uma casa depois da chuva; o excesso simples-

mente pingava até o chão sem deixar nenhum rastro nas faces. Com uma mistura de inveja e sarcasmo, as pessoas comentavam: “Que sorte você tem de chorar desse jeito, assim pode beber direto dos lábios, um verdadeiro poço!”. As mais misteriosas de todas eram as meninas com seios grandes, que na verdade vertiam lágrimas por eles. A distância entre os olhos e os seios é tão grande que os habitantes de fora da aldeia consideravam esse método praticamente inacreditável. “As lágrimas das meninas da aldeia do Pêssego de fato viajam dos olhos até os seios!”, diziam seus moradores. Mas, acreditem ou não, as virtudes dos seios como dutos eram louvadas de modo aberto não pelas mulheres da aldeia do Pêssego, e sim por seus maridos. Eram provavelmente eles que comprovavam a capacidade das meninas da aldeia de verter lágrimas por ali, uma vez que essas lágrimas permaneciam escondidas nas dobras internas das roupas; iminentes, talvez, mas escondidas.

Tudo isso nos leva a Jiang Binu, cujo nome, Binu, significava donzela de jade. Era uma moça vistosa, abençoada com traços bonitos, cujas lágrimas deviam estar armazenadas atrás de um par de grandes olhos escuros. Com a sorte de ter longos cabelos, que a mãe penteava em coques graciosos atrás das orelhas, ela estava aprendendo a esconder as lágrimas ali. Infelizmente, a mãe de Binu morreu quando ela ainda era pequena, e a fórmula secreta de sua mãe morreu junto com ela. Binu passou a juventude inteira chorando abertamente, molhando sempre os cabelos e tornando impossível manter os coques no lugar. Qualquer um que passasse por ela tinha a sensação de que uma nuvem de chuva havia acabado de passar, deixando o ar coalhado de gotinhas d’água que molhavam o rosto. Sabendo que eram as lágrimas de Binu, enxugavam o líquido com nojo

e perguntavam-se em voz alta: “Como Binu consegue ter tantas lágrimas?”.

Seria injusto dizer que Binu derramava mais lágrimas do que as outras meninas da aldeia do Pêssego, mas a sua maneira de chorar era decerto a mais desajeitada, e o fato de ela parecer incapaz de inventar sozinha uma forma inteligente de verter lágrimas era prova da mais pura inocência. Assim, enquanto as outras meninas cresciam e se casavam com comerciantes ou proprietários de terra, ou as que estavam mais embaixo na escala social desposavam carpinteiros e ferreiros, a escolha matrimonial de Binu limitou-se ao órfão Wan Qiliang. O que ela ganhou com esse casamento? Um homem e nove amoreiras, nada mais.

Qiliang era um rapaz bonito, bondoso e honesto, mas ainda assim era órfão, e desde a infância havia sido criado por uma viúva, Sanduo, que o encontrara debaixo de uma amoreira. Os meninos da aldeia pensavam que eles tivessem caído do céu, que eram o sol e uma estrela, ou que eram pássaros ou um arco-íris.

“Qiliang”, perguntavam, “o que você é?” Como ele não sabia, foi para casa perguntar para Sanduo.

“Você não caiu do céu”, disse Sanduo. “Foi trazido para casa de debaixo de uma amoreira, então talvez você seja uma amoreira.”

Depois disso, todos os meninos passaram a rir de Qiliang, chamando-o de amoreira. Sabendo que era exatamente isso, Qiliang cuidava das nove amoreiras de Sanduo todos os dias, e acabou se transformando na décima árvore. As árvores não falavam, então Qiliang também não falava.

Os outros diziam: “Qiliang, você é um mudo que não quer aprender nenhum ofício e que só sabe cuidar dessas nove amoreiras. Assim não vai conseguir ganhar a vida,

então um dia desses vai ter de cortar essas árvores para dar de presente de noivado, não é? Quem iria se casar com você? Binu é a única moça de toda a aldeia do Pêssego que poderia pensar em fazê-lo, porque ela é uma cabaça d'água, e as cabaças são penduradas nas amoreiras!”.

Então Binu casou-se com Qiliang; parecia ser esse o destino da cabaça e também o da amoreira.

Mas todo mundo sabe que, de todos os homens da aldeia do Pêssego que morreram longe de casa, apenas Qiliang morreu em um lugar conhecido por todos os habitantes das sete regiões e dos dezoito condados, e que, de todas as mulheres da aldeia do Pêssego dadas ao choro, somente o pranto de Binu viajou muito além das montanhas. Esse foi um dos acontecimentos mais importantes da região de Nuvem Azul, e o momento mais grandioso da história do pranto na aldeia do Pêssego.

No final da manhã do dia em que Qiliang desapareceu, Binu só conseguia chorar pelos cabelos. Ficou em pé na estrada, olhando para o Norte, com lágrimas escorrendo feito chuva dos coques atrás das orelhas, molhando a saia verde. Viu a mulher de Shang Ying, Qiniang, e a mulher de Shu, Jinyi, também em pé na estrada, olhando para o Norte, rangendo os dentes e cerrando os punhos; seus maridos também haviam desaparecido. Qiniang chorava pelas orelhas, das quais emergiu uma lágrima cintilante; Jinyi chorava pelos seios e, como havia tido um filho recentemente, a quem ainda amamentava, as lágrimas que vertia vinham misturadas com leite, encharcando-lhe as roupas de seda tão completamente que ela parecia ter saído de uma vala cheia d'água. Na tarde do desaparecimento de Qiliang, mui-